

## “Regional de pandeirista!”: Pernambuco do Pandeiro e seu regional

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA/TCC

SUBÁREA: Música Popular

*Paola de Almeida Andrade*  
UEMG/ESMU  
*paolaalmeida422@gmail.com*

**Resumo.** Neste artigo será apresentado o pandeirista Inácio Pinheiro Sobrinho, mais conhecido como Pernambuco do Pandeiro, que teve atuação importante como instrumentista e como diretor de conjunto regional nas rádios do Rio de Janeiro nos anos de 1940 a 1960. Nosso intuito com a pesquisa é compreender e registrar a trajetória de Pernambuco e de seu regional, apontando a importância de sua atuação para a história do choro e da música popular brasileira.

**Palavras-chave.** Pernambuco do Pandeiro, Choro, Música popular brasileira, Pandeiro.

**Pernambuco do Pandeiro: “Regional Tambourine Player”:** Pernambuco do Pandeiro and his Regional.

**Abstract.** This article will present the tambourine player Inácio Pinheiro Sobrinho, better known as Pernambuco do Pandeiro, who played an important role as an instrumentalist and as director of a regional ensemble on radio stations in Rio de Janeiro between the years 1940 to 1960. Our aim with the research is to understand and record the trajectory of Pernambuco and his regional, pointing out the importance of its performance for the history of choro and Brazilian popular music.

**Keywords.** Pernambuco do Pandeiro, Choro, Brazilian Popular Music, Pandeiro.

### Introdução

Inácio Pinheiro Sobrinho, mais conhecido como Pernambuco do Pandeiro, foi um pandeirista de choro que nasceu em Gravatá de Bezerro (PE). No início da adolescência, se mudou para o Rio de Janeiro com seu irmão e sua mãe, e foi para a então capital Rio de Janeiro, onde Pernambuco conseguiu o seu primeiro trabalho na rádio Mayrink Veiga como pandeirista, aos 16 anos de idade. A partir desse momento, começou a tocar em regionais com diversos instrumentistas e cantores como Araci de Almeida, Angela Maria, Francisco Alves, Ari Barroso,

Adoniran Barbosa, Jacob do Bandolim, Claudionor Cruz, Benedito Lacerda, Pixinguinha, Carlos Poyares e Waldir Azevedo.

Criou seu próprio regional, por onde passaram instrumentistas de referência, um deles foi Hermeto Pascoal, e com o qual tem três discos gravados. Além disso, foi um dos fundadores do Clube do Choro de Brasília.

Apesar de ter sido um grande pandeirista e influente na disseminação do choro no Brasil, pouco se sabe sobre ele e poucas são as referências em trabalhos acadêmicos sobre Pernambuco. Nesse contexto, o presente artigo busca pesquisar mais sobre o pandeirista, trazendo informações que sejam relevantes para um maior reconhecimento desse instrumentista, referência para o choro e para os regionais do rádio nos anos de 1940 a 1960.

## **METODOLOGIA**

Trata-se de estudo de materiais bibliográficos e registros documentais sobre a vida e obra de Pernambuco do Pandeiro. Este artigo apresenta os primeiros resultados de uma entrevista inédita com o Pernambuco feita pela Dra. Lúcia Campos. Essa entrevista tem aproximadamente 5 horas de duração e está em fase de transcrição. Também foram utilizados o documentário “Na Levada do Choro” produzido pela Dra. Lúcia Campos e Marcelo Chiaretti, o livro “A velha guarda do choro no planalto central” de Ana Lion e Sebastião Dias além da dissertação de mestrado da Dra. Lúcia Campos.

## **QUEM FOI PERNAMBUCO DO PANDEIRO?**

Pernambuco do Pandeiro foi um pandeirista de choro que nasceu em Gravatá de Bezerro (PE), em 30 de julho de 1924, e antes de completar um ano de idade se mudou para a cidade Lagoa de Roça, no estado da Paraíba. Pernambuco conta, que ainda quando criança, um Frei Italiano, chamado Damião, que estava em missão pelo sertão nordestino marcou sua infância.

Eu estava na casa dos seis anos de idade quando fui abençoado em umas dessas missões por Frei Damião. Ele era de pequena estatura e tinha um forte sotaque italianado. Até hoje me impressiono com o que ele me disse, pondo a mão na minha cabeça, afirmou que eu era dotado de enorme inteligência musical e que ainda iria ter muita fama nesse meio” (LION, 2012, p. 158).

No início da adolescência, no ano de 1936, se mudou para o Rio de Janeiro com seu irmão e sua mãe, e foi para a então capital do Brasil, Rio de Janeiro, onde Pernambuco foi morar no Morro de São Carlos e logo conseguiu o seu primeiro trabalho na rádio Mayrink Veiga como pandeirista, aos 16 anos de idade. Antes de se dedicar ao pandeiro, Pernambuco aprendeu a tocar cavaquinho, instrumento que também tocou até seus últimos dias. Pernambuco conta em entrevista no livro “Velha Guarda do Choro no Planalto Central” que o instrumento foi presente de sua irmã, que falsificou um bilhete premiado de uma rifa onde o prêmio era o cavaco, que foi parar nas mãos do menino.

Ter aquele cavaquinho em minhas mãos foi um marco na minha vida, ele ali, à minha disposição. Não sei e nem quero comparar, mas emoção de tirar o som do seu primeiro instrumento, com ele assim, coladinho no peito, é como ver o primeiro sorriso dos filhos, são coisas que a gente cala nos recônditos da alma, e com o passar do tempo, as lembranças dessas emoções retiram lágrimas dos olhos da gente com maior facilidade (LION, 2012, p. 159).

Na entrevista feita pela Dra. Lúcia Campos e que está em fase de transcrição, Pernambuco aparece com seus 81 anos, muito carismático tocando seu cavaquinho, com muita destreza e propriedade, interpretando algumas músicas, como “Antonico” de Ismael Silva, “Na Subida do Morro” de Moreira da Silva, “A Falsa Baiana” de Dorival Caymmi e “Pelo Telefone” de Donga.

Logo depois do cavaquinho, o menino Inácio se encantou pelo instrumento que marcaria para sempre sua vida, o pandeiro. Isso aconteceu quando Pernambuco passou a frequentar nas proximidades do Largo do Estácio, a casa do Manoel da Cuíca, onde ele ficou durante meses observando os grandes pandeiristas, até que ficou sabendo que seu irmão mais velho, Joaquim, tinha recebido um pandeiro como pagamento de uma dívida (LION, 2012).

Na entrevista feita pelo Marcelo feijó com Pernambuco do Pandeiro para o livro “Velha Guarda do Choro no Planalto Central”, o instrumentista conta:

Joaquim Pinheiro não resistiu e me deu o pandeiro de presente. Agora que eu estava ‘armado’ fazia questão de ir todos os dias dos ensaios. Chegava em casa, treinava, treinava. Não gostava daquele barulho deselegante das platinelas, sentia que perturbava mais do que agradava a quem ouvia (LION, 2012, p. 159).

Ao longo do tempo Pernambuco foi desenvolvendo seu próprio estilo de tocar pandeiro, que pode ser visto no documentário “Na Levada do Choro” (CAMPOS, Lucia & CHIARETTI, Marcelo, Youtube, 25 fev. 2013) e que em sua dissertação de mestrado, Lúcia Campos, descreve bem o estilo desenvolvido por Pernambuco no instrumento:

No pandeiro, desenvolveu muitos toques diferentes. Tocando só as platinelas, ele imita um ganzá, uma frigideira ou castanholas; friccionando o centro da pele, ele faz uma cuíca; com o dedão, ele faz um surdo grave e sonoro... Ao tocar cada parte do pandeiro separadamente ele explica porque o pandeiro é uma pequena escola de samba. Além desses, faz também estripulias de malabarista e um rulo perpétuo, desenhando um “8” na pele, toque que ele chama de “cascavel” (CAMPOS, 2006, p. 96).

O primeiro grupo que Pernambuco tocou profissionalmente, liderado pelo seu professor de cavaquinho, se chamava Turma Animada. Na época Inácio tinha apenas 14 anos e precisou da autorização da mãe, que não só deu a autorização como também presenteou o filho com um pandeiro novo (LION, 2012) .

Logo em seguida, o pandeirista começou a tocar em Regionais do rádio. O primeiro regional que Pernambuco tocou foi o de César Faria, pai de Paulinho da Viola, na rádio Ipanema, que também tinha como integrante Jacob do Bandolim. Outro regional que Pernambuco fez parte, foi o de Claudionor Cruz.

No documentário “Na Levada do Choro”, Pernambuco mostra muitas fotos da sua trajetória musical pregadas na parede de sua casa. Em uma delas, do ano de 1943, conta sobre sua participação no regional de Claudionor Cruz e mostra outros grandes instrumentistas que também participavam do regional, como Silvio Cesar, Luiz Gonzaga, Abel Ferreira, Arlindo Ferreira, a cantora Carmem Costa, Bola Sete e o Chefe do regional Claudionor Cruz.

Na década de 1950, Pernambuco teve outro regional composto por 6 integrantes, com o qual gravou discos e excursionou pela Europa:

Faziam parte Jorge e Nilton, nos violões de 7 e de 6 cordas, respectivamente, Ubiratan de Oliveira, no cavaquinho, e um jovem sanfoneiro, até então pouco conhecido, de nome Hermeto Pascoal. Com esse Regional, gravou 8 discos e excursionou pela Europa (LION, 2012, p. 161).



Ao longo de sua trajetória musical, Pernambucano lançou 3 álbuns. O primeiro LP foi o “No Meu Brasil é assim” com doze faixas, com data de 1954. “As sete primeiras faixas já estavam prontas quando Hermeto entrou no regional, por isso ele só toca nas cinco últimas e seu nome sequer aparece nos créditos do disco” (CAMPOS, 2006).

O segundo disco, se chama “Batucando No Morro”, lançado em 1958. Nele todas as faixas, tanto de choro quanto de samba foram gravadas com arranjos instrumentais. “Muitos dos sambas gravados nesse LP, Pernambuco já os havia gravado acompanhando cantores e resolveu gravar instrumental, com arranjos criativos, cheios de improvisos” (CAMPOS, 2006).

E por último Pernambuco gravou o com seu Regional o disco “No Arraial de Santo Antônio” em 1958.

Segundo Pernambuco, nesse disco, ele fez uma “bandinha”, acrescentou ao regional a tuba e o bombardino, instrumentos típicos das bandas. Para isso, chamou o mestre da banda do Corpo de Bombeiros na época, que se chamava Agobá, no bombardino, e José Américo, na tuba. Além deles, participam do disco Abel Ferreira no clarinete, Paulinho na bateria – “para fazer os pratos da banda!” (Pernambuco 2006) – e o regional: Pernambuco, Hermeto, Jorge, Ubiratan e Darli (CAMPOS, 2006, p.102).

Quando a capital do Brasil passou a ser no distrito federal, Pernambuco foi convidado pelo então presidente Juscelino Kubitschek, para integrar a Rádio Nacional com o seu Regional no ano de 1959. Em Brasília, o músico teve um papel muito importante no fomento do choro brasileiro, sendo um dos fundadores do Clube do Choro de Brasília, hoje um dos pólos mais efervescentes do gênero.

No entanto, seu emprego na rádio dura pouco. “O então Diretor da Rádio Nacional considerou que ficava muito caro contratar todo o Regional, e acabou desmotivando os músicos a persistirem na aventura. Pernambuco, no entanto, estava decidido a ficar independentemente até da carreira musica” (LION, 2012).

E por um tempo, o grande pandeirista deixou sua carreira profissional na música para ser fiscal de edificações. Mas nos anos seguintes, com uma cidade já consolidada, Pernambuco volta a atuar na cena musical de Brasília e cria um grupo de samba e choro, intitulado “Pernambuco do Pandeiro, Suas Mulatas e Seus Batuqueiros”.

Logo em seguida, na primeira metade dos anos 1970, começam a surgir as rodas de choro na capital, que eram encontros no apartamento do jornalista Raimundo de Brito e que Pernambuco participava.

O professor Raimundo Brito era um anfitrião que adivinhava o que os convidados queriam [...] O nível dos músicos foi subindo, e volta e meia recebíamos visitantes ilustres como, por exemplo, Jacob do Bandolim. Então, ali começou a funcionar uma verdadeira escola (LION, 2012, p. 162).

A partir desses “encontros espontâneos de músicos, que passaram a acontecer também na casa da flautista Odette Ernest Dias, surge o Clube do Choro de Brasília” (LION, 2012).

Por alguns anos Pernambuco se afastou de Brasília e morou na cidade de Uberaba. Retornou à capital onde viveu até o ano de 2011, perto de completar seus 87 anos.

## Referências

CAMPOS, Lúcia. *Tudo isso junto de uma vez só: o choro, o forró e as bandas de pífano na música de Hermeto Pascoal*. Dissertação (Mestrado em Música), Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. Belo Horizonte, 2006.

CAMPOS, Lucia; CHIARETTI, Marcelo. *Na Levada do Choro*. Youtube, 25 fev. 2013. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=X4Sgf6GCJQE>.

LION, Ana; DIAS, Sebastião (Orgs.). *A velha guarda do choro no planalto central*. Goiânia: FCS/UFG; FUNAPE, 2012. p. 224.